

Biblioteca de A SEMENTEIRA

João Most

A PESTE RELIGIOSA

(3.^a edição em português)

Ensina a Verdade.

João Huss

Edição de A SEMENTEIRA

LISBOA

Shi

Biblioteca de A SEMENTEIRA

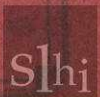
Uso Most

A PESTE RELIGIOSA

(3.ª edição em português)

Ensaio de
José Luís

BIBLIOTECA DE A SEMENTEIRA



Biblioteca de A SEMENTEIRA

JOÃO MOST



A Peste Religiosa

(3.^a edição em português)

Ensina a verdade

João Huss.

LISBOA

Edição de A SEMENTEIRA

Shi

ST. JOHN'S ACADEMY

ST. JOHN'S ACADEMY

ST. JOHN'S ACADEMY

ST. JOHN'S ACADEMY

ST. JOHN'S ACADEMY

ST. JOHN'S ACADEMY





De todas as doenças mentais que sistematicamente o homem tem introduzido no cérebro, a peste religiosa é, sem dúvida, a mais horrível.

Como tudo tem uma história, esta epidemia não deixa de ter a sua. Sómente forte é que a narração dela não seja tudo quanto há de mais engraçado!

O velho Zeus e Jupiter eram pessoas muito afáveis, de bonitas maneiras, assás esclarecidas mesmo, comparadas com as «vergontas trinitárias» da árvore genealógica do bom Deus, as quais não ficam atrás das piores em crueldade e brutalidade.

Não queremos perder tempo com os deuses reformados ou caducos. Estes já não causam dano. Mas criticaremos sem respeito os fazedores da chuva e do bom tempo, ainda em serviço activo, e os terroristas do inferno.

Tem uma trindade os cristãos; seus avos, os judeus, contentavam-se com uma Divindade. A'parte isto, os dois povos formam uma sociedade muito divertida. O Velho e o Novo Testamento são para eles a origem de toda a sabedoria. Para os conhecer, pois, e se poder apontar seus ridículos, tem de ler-se a Escritura Sagrada, custe o que custar.

Examine-se só a parte histórica, que ela basta para caracterisar o todo.

A coisa, em poucas palavras, é assim:

No principio criou Deus o céu e a terra. Antes era o nada; o que, apesar de se dar com um Deus, realmente devia de ser duma tristeza e dum aborrecimento infinitos. E como isto de fazer mundos do nada, para um Deus é uma bagatela, ele criou o céu e a terra, com uma rapidez com que o vulgar prestigitador tiraria um ovo do nariz ou nos escamotearia o lenço da algibeira. Mais tarde fabricou o sol, a lua e as estrêlas. Certos heréticos, vulgarmente conhecidos por—astrónomos, estão fartos de demonstrar que a terra não é, neim nunca foi, o centro do universo, e que não pode ter existido antes do sol, em roda do qual gira. Tem esta gente provado que é uma asneira chapada falar do sol, da lua e das estrêlas depois da terra, como se esta, em relação áqueles, fôsse alguma coisa de especial e extraordinário. Há muito que qualquer rapaz de escola sabe que o sol é simplesmente um astro, a terra um dos seus satélites, e a lua, por assim dizer, um sub-satélite; há muito que sabe que a terra, em comparação com o universo, está longe de representar um papel superior, e, pelo contrário, não passa de um grão de areia no espaço. Mas um Deus ocupa-se lá de astronomia! Ele faz o que quer; e ri-se da sciência, mais da lógica.

E' por isso que depois de fabricar a terra fez a lua, e em seguida o sol. Um hotentote sabe-

ria perfeitamente que sem sol não podia haver luz; mas Deus... não é um hotentote.

Continuemos.

Até aí a criação correria perfeitamente. Na oficina faltava, porém, a vida. O criador, para se divertir, fez então o homem.

Neste novo trabalho abandonou a sua primeira maneira. Em vez de o produzir a uma simples ordem sua, criou-se certas dificuldades: pegou num prosaico bocado de barro da terra, modelou-o à sua imagem e semelhança, e insufflou-lhe uma alma. E como é todo poderoso, bom, justo, em suma, a amabilidade em pessoa, Deus viu logo que Adão (é o nome que poz à sua manufatura) sósinho se havia de aborrecer horrorosamente—não lhe esquecera a sua triste existência no nada—e por isso tratou de lhe fabricar uma galante, encantadora Eva.

Decerto a experiência lhe mostrára que era trabalho impróprio dum Deus o amassar o barro, porque seguiu processo diferente. Pode ser até que fizesse várias tentativas para conseguir o seu fim, mas a Biblia neste ponto é omissa. Veio a adoptar este meio: tirou a Adão uma das suas costelas, e tornou-a instantaneamente em uma bonita rapariga. Digo instantaneamente, porque a prontidão não é uma bruxaria para um Deus.

A historia não diz se a costela de Adão foi mais tarde substituída, ou se elle teve de se contentar com as que lhe ficaram.

Estabeleceram as sciências modernas que os animais e as plantas, formados primeiramente de simples células, pouco a pouco, no decorrer dos séculos, é que foram adquirindo as suas fórmulas actuais. Estabeleceram também que o homem não é o produto mais perfeito dêsse longo e continuo desenvolvimento, e que não só, há alguns mil anos, não falava e se aproximava muito do animal, na acepção vulgar da palavra, mas até, sem poder admitir qualquer outra suposição—deve descender dos seres mais inferiores na escala zoológica.

Partindo daqui, a história natural leva-nos a considerar Deus, na sua fabricação do homem, como um trampolineiro ridículo. Mas de que serve isso? Com Deus não se brinca.

Tenham as suas histórias cunho scientifico ou não, haveis de crer nelas, porque ele o manda. De contrario, mandar-vos-á buscar pelo diabo, seu concorrente; o que deve ser muito desagradável, porque o inferno é um lugar extraordinário. Arde lá um fogo eterno; sente-se um cheiro intenso e forte, a enxofre e pez; enormes dragões insaciáveis roem as entranhas dos condenados; ouvem-se continuos, dolorosos lamentos; reinam sofrimentos inarráveis. E, pois, um homem sem corpo, isto é, uma alma, é pôsto numa grêlha ou metido dentro duma caldeira; e, sem ter carne, assa-se; sem os ossos, há muito tornados em pó, é triturado; sem ter

olhos, derrama lágrimas; sem nariz, aspira o cheiro sulfuroso: tudo eternamente!

Raio de história!

Deus, como êle mesmo diz na sua crónica, a Bíblia, espécie de autobiografia, é excessivamente caprichoso e vingativo,—um despóta de primeira ordem.

Criados Adão e Eva, como lhe conviesse governar a nova espécie, promulgou um código cujo teor categórico se cifra no seguinte:—«E' proibido comer do fruto da sciência». Proibição esta que, desde então, todos os tiranos, coroados e sem corôa, teem lançado á face dos povos.

Adão e Eva não obedeceram, porém, á prescrição; e, por isso, immediatamente foram expulsos (como vulgares anarquistas) e condenados para todo o sempre, êles e os seus descendentes, aos mais rudes trabalhos. Além disso, Eva perdeu os seus direitos, sendo declarada serva de Adão, a quem teria de obedecer. Sobretudo ficaram desde logo sob a vigilancia da alta politica divina.

Os actuais chefes de Estado não levariam tão longe o seu rigor despótico. Mas não é Deus seu superior?

Não serviu de nada a severidade de Deus com os homens. Estes iam constantemente crescendo em número, e quanto mais aumentavam, mais desgostavam e irritavam o seu Criador.

Póde-se fazer uma ideia da rapidez da propagação humana, lendo a história de Caim e Abel. Quando êste foi morto por seu irmão,

Caim retirou-se para... o estrangeiro, e lá se casou. O bom Deus não nos diz de onde vieram o país estrangeiro» mais as mulheres que nele habitavam, mas isso não é de espantar. Tão sobrecarregado andava com diversos trabalhos que se esqueceu!

Como ia dizendo, os desgostos divinos não diminuiam. Ao contrário, eram cada vez maiores. Até que um dia resolveu Deus exterminar o género humano, por meio da água.

O extermínio, porém, não foi completo. Para uma derradeira experiência, escolheu e reservou Deus uma certa família. Mas, apesar de toda a sua infinita sabedoria, o seu dedo não denotou vista segura e os cálculos falharam-lhe mais uma vez. Noé, o chefe dos sobreviventes, revelou-se logo um pandego de marca com os filhos... e com as filhas. Que de bom podia sair de semelhante família?

Entretanto o género humano foi-se espalhando de novo por sobre a terra, produzindo em abundancia «pobres pecadores». O bom Deus devia de ter estoirado, de divina cólera, vendo que todos os seus castigos exemplares, como por exemplo, a destruição de cidades inteiras pelo fogo e enxôfre, não serviam absolutamente de nada!

Tinha êle resolvido acabar por uma vez com toda esta canalha, quando um dos mais extraordinários acontecimentos o fez mudar de tenção. Se não fôsse isso, o que seria feito da humanidade?!

Um belo dia appareceu um tal Espirito Santo. Ninguem sabe de onde veio o sujeito: o autor da Biblia, isto é, Deus, diz apenas que é ele mesmo, o que nos mostra que por agora nos temos a haver com um Deus de duas caras.

Este Espirito Santo, tomando a fórma de um pombo, travou relações com uma mulher de origem obscura, chamada Maria. E relações foram essas que, num momento de doce effusão, a «cobriu com a sua sombra»; de sorte que mais tarde ella deu á luz uma criança, sem por isso, como afirma a Biblia, perder a sua virgindade.

Deus chamou-se então Deus-Padre, assegurando que não fariam mais que uma só pessoa, elle, o tal Espirito Santo e a criança! Reparem bem nisto! O pai era seu próprio filho; o filho era seu próprio pai; e além disso, os dois eram o Espirito Santo.

Foi assim que se formou a Santissima Trindade.

E agora, pobre cérebro humano, em guarda, porque o que vai seguir-se pode transtornar-te!

Já vimos que Deus Padre havia resolvido exterminar totalmente o género humano. Ora isto causou enorme pesar a Deus-Filho. E então este (o filho que, como sabem era também o pai), para apasiguar seu pai (que era simultaneamente o filho) fez-se crucificar pelos mesmos que pretendia salvar do extermínio.

Este sacrificio do filho (ele mais o pai são uma só pessoa) de tal maneira agradou ao pai

(êle mais o filho são uma só pessoa), que publicou imediatamente uma anistia que em parte ainda está em vigor.

*

Aí fica a «parte histórica» da Escritura Sagrada. Repassada de grossas bestialidades, por ela se vê que é destinada aos pobres de espírito, susceptíveis, por isso mesmo, de admitir toda a casta de dislates.

Entre êstes tem o primeiro lugar o dogma da recompensa e da punição do homem no «outro mundo».

Há muito que está provado scientificamente que não há outra vida independente da do corpo, que a alma—isso que os charlatães religiosos chamam alma—não é senão o órgão do pensamento (cérebro), recebendo as impressões pelos órgãos dos sentidos, e que, portanto, êsse movimento deve cessar necessariamente com a morte corporal. Mas os inimigos jurados da inteligência humana não se ocupam dos resultados das experiêncas scientificas, senão—para os impedir, justamente, de penetrarem no povo. E assim, prégam a «vida eterna da alma». Desgracada dela no outro mundo, se o corpo em que habitou cá na terra não seguiu pontualmente as leis divinas. Pois que—assegura—o essa gente—Deus, muito bom, muito justo e muito delicado mesmo, occupa-se do mais insignificante peccadilho de cada um e menciona

todas as suas actas universais. Que registo é que contabilidade!

A par disto é por vezes cómico em suas exigências. Ora escutem!

Ao passo que deseja que os recém-nascidos sejam, em sua honra, regados de água fria (batisados) com risco de se constiparem; ao passo que experimenta um prazer imenso, quando um sem número de ovelhas crentes lhe balem litânias, e os mais zelosos do seu partido lhe cantam, sem interrupção, piedosos hinos, solicitando toda a sorte de coisas possíveis e impossíveis; ao passo que se intromete nas guerras sanguinolentas, fazendo-se incensar e adorar como «Deus das batalhas»,—leva-se do diabo quando um católico come carne á sexta-feira ou não, v. i. regularmente ao confesso, e dá por páus e por pedras, se um protestante se ri dos ossos dos santos, das imágens, e das relíquias da Virgem, recomendadas pela igreja católica, ou se um fiel cristão qualquer não faz a sua peregrinação anual, de dorso curvado, as mãos juntas, os olhos postos no céu.

Se um homem morre «pecador endurecido», o «bom Deus» inflige-lhe uma pêna, ao lado da qual parecem pancadinhas de amor, caricias, todos os golpes de chibata ou de *knout*, todos os tormentos das prisões e do degrêdo, todas as sensações dos condenados á morte sobre o cadafalso, todos os suplicios, enfim, inventados pelos tiranos.

Deus excede em crueldade bestial tudo que de mais danado se pôde passar sôbre a terra.

Chama-se inferno o lugar para onde envia os grandes criminosos; é o «diabo» o seu carcereiro e carrasco; são eternas as suas penas. Para os pequenos delitos, se o delinquenté morreu no grémio católico, tem o «purgatório», que se distingue do inferno, pouco mais ou menos, como nós distinguimos a cadeia da penitenciária.

Apesar do fogo lento que constantemente o aquece, o purgatório está preparádo para habitação mais ou menos longa, relativamente curta, e a sua disciplina não é muito rigorosa.

Os chamados «pecados mortais», entre os quais se conta a «blasfêmia» por palavras, por pensamentos e por escritos, não são punidos no purgatório, e sim no inferno. Deus não só não tolera a liberdade de Imprensa e da palavra, como limita e veda os pensamentos ainda não articulados que poderiam desagradar-lhe.

Os déspotas de todos os países e os tiranos de todos os tempos são vencidos e excedidos na escolha e na duração das punições.

Deus é um monstro horrível, maior que todos os que podem imaginar.

O seu procedimento é tanto mais infame, quanto, fazendo crer que o mundo, a humanidade é guiada em tudo pela sua divina providência, castiga os homens por actos de que elle mesmo foi o inspirador! Como os tiranos da

terra, dos tempos passados e presentes, são amáveis, comparados com tal monstro!

Se, porém, praz a Deus que um homem viva e morra «homem de bem», depois da sua morte esse homem mais maltratado é ainda, porque o «paraíso» prometido é mil vêzes pior que o inferno.

A necessidade desconhece-se, há no paraíso a mais completa satisfação de tudo; mas como não se pôde figurar um prazer ou ter um desejo, sem se dar a sua imediata realização, a vida celestial torna-se duma insipidez enorme. Eternamente ocupados na contemplação de Deus, os habitantes do céu tocam sempre as mesmas harpas e entôam continuamente o mesmo cântico, que, muito embora não seja tão fastidioso, não vale mais que o festejado *Compadre chegadoinho*. E' o tédio no seu mais alto grau. Certo seria preferível a vida isolada numa cela.

*

Não nos devemos, pois, espantar de os ricos e os poderosos, que pôdem ter o paraíso cá na terra, exclamarem, rindo, com Heine: «O paraíso deixamo-lo aos anjos e aos *pierrots*!»

Contudo são justamente êsses, os ricos e poderosos, que sustentam «a religião». Decerto por dever do officio. Para a classe exploradora, —a burguesia—é mesmo uma questão de vida que o povo esteja embrutecido pela religião. O seu poder sobe ou desce com a folia religiosa.

Quanto mais religioso é o homem, mais crê; quanto mais crê, menos sabe; quanto menos sabe, mais bruto é; quanto mais bruto é, mais facilmente se deixa governar.

Esta lógica foi conhecida pelos tiranos de todos os tempos; por isso sempre se aliaram com os padres.

As disputas entre estas duas espécies de inimigos do homem nunca passaram de simples ralhos caseiros sobre qual teria a supremacia. O padre bem sabe que o seu papel é nulo quando lhe falte o apoio dos milhõis. Os ricos e os poderosos não ignoram também que o homem só se deixa governar e explorar quando os corvos—de qualquer igreja que sejam—logrem introduzir no seio das massas a idéa de que este mundo é um vale de lágrimas, quando lhes tenham infiltrado no espírito esta sentença—respeito pela autoridade, ou então quando as tenham seduzido com a promessa duma vida mais feliz no outro mundo.

Windhorst, o jesuita por excelência, deixou ouvir um dia bem claramente, no calor da pugna parlamentar, o que os gatunos do espírito pensam sobre este assunto:—«Quando a fé se extingue entre o povo, ele deixa de suportar a sua grande miséria e revolta-se!»

Esta frase clara era muito para reflexão da banda dos operários. Infelizmente, porém, graças á religião, a maioria dêstes são de cérebros tão acanhados, de inteligência tão curta, que

ouvem as coisas mais simples sem as compreenderem.

*

Não é em vão que os padres—isto é, os negros soldados do despotismo—se teem esforçado por *conter a toda a força a decadência religiosa*; ainda que, como se sabe, êles fartam-se de rir uns com os outros ao considerarem as tolices que prégam com remuneração magnífica.

Há séculos que êsses desorganizadores de cérebros governam as massas pelo terror. Se não fôsse isso, há muito que a folia religiosa teria desaparecido. Os cárceres e os grilhões, o veneno e o punhal, a fôrça e o cutelo, a cilada e o assassinio, em nome do seu Deus e da justiça, teem sido os meios empregados para manutenção de essa folia, que será uma mácula na história da humanidade. Milhares de indivíduos teem sido levados á fogueira «em nome de Deus», por terem ousado pôr em dúvida o conteúdo da Bíblia. Milhões de homens foram forçados, durante longas guerras, a matarem-se uns aos outros, a devastarem países inteiros, e a deixarem êsses países a braços com a peste, depois de os terem saqueado e incendiado, para se manter a religião. Os mais atrosos suplícios foram inventados pelos padres e seus acólitos, quando se tratava de fazer voltar á religião aqueles que haviam perdido o temor de Deus.

Chama-se criminoso um homem que êstro-

pia os pés ou as pernas do seu semelhante. Como há de chamar-se aquele que atrofia o cérebro dum outro e que, quando isso o não conduz ao fim desejado, lhe mata o corpo a fogo lento com uma crueldade refinada?

Hoje esses seres não se entregam ao seu mister de bandidos, embora as blasfêmias abundem; pelo contrário, introduzem-se nas famílias, influenciam as mulheres, conquistam as crianças e abusam do ensino ministrado nas escolas. A sua hipocrisia tem aumentado antes que diminuído. Apoderaram-se da imprensa quando viram que era impossível desaparecer a tipografia.

Diz um antigo provérbio: «Por onde um padre passa uma vez, a erva não cresce durante dez anos»—o que vem a ser, quando um homem chega a cair nas garras de um padre, perde o seu cérebro as faculdades mentais e toda a sua acção, servindo o seu organismo para habitação de aranhas. Assemelha-se a um carneiro, acometido de delírio. Perde a noção da vida, e, o que é mais triste, ajuda a formar a maior parte dos antagonistas da ciência e da luz, da revolução e da liberdade. Encontra-se sempre pronto, na sua obtusa estupidez, a auxiliar os que pretendem forjar novas cadeias para a humanidade, ou os que pretendem pôr entraves ao progresso sempre crescente.

Ora, pois, procurando curar estes doentes, não só se pratica uma boa obra para com eles, mas ainda se está em via de arrancar um can-

cro que corróe o povo e que deve ser inteiramente destruído, se se quer tornar a terra habitação de homens, e não campo de manobras para os deuses e para o diabo, como até aqui.

Por consequência, tiremos do cérebro as idéas religiosas. Abaixo os padres! Estes teem o costume de dizer que o fim justifica os meios. Bem! Empreguemos também nós êste axioma, mas contra eles! O nosso fim é libertar a humanidade de toda a escravidão, tirá-la do jugo da servidão social e dos ferros da tirania política e fazê-la sair das trevas religiosas. Todo e qualquer meio para a realização dêste alto fim deve ser reconhecido como justo por todos os verdadeiros amigos da humanidade e deve ser posto em prática a todo o momento propício.

Todo o homem anti-religioso falta aos seus deveres quando não faz tudo que pode, dia a dia, hora a hora, para suprimir a religião. Todo o homem emancipado da «fé», que deixa de combater a padralhada onde e quando póde, é um traidor. Por toda a parte guerra, guerra a todo o transe contra a seita negra.

Excitemos contra os corruptores e esclareçamos os cegos, os pobres de espírito. Que todas as armas sejam uteis á nossa causa, a acerba ironia tanto como o facto da sciência; e onde estas não produzam efeito, então, empreguemos argumentos mais sensíveis!

Não se deixe passar sem reparo, nas assembleias onde se discutem os interesses do povo, nenhuma alusão a Deus e á religião. Assim co-

mo o princípio da propriedade e a sua sanção armada—o Estado, não podem encontrar misericórdia no campo da revolução social—o que está fóra dêste campo é naturalmente reaccionário,—assim a religião e tudo que a ela respeita não podem aí ter lugar. E note-se bem que muito embora tenham um ar respeitável e uma «reputação boa», são personagens perigosos os que pretendem misturar o palanfrório religioso com as aspirações dos trabalhadores. Todo aquêle que préga a religião, sob não importa que fórmula, é ou tolo ou velhaco. Estas duas espécies de indivíduos não teem valor nenhum para o avanço duma causa que não póde atingir o seu fim se não está segura da sinceridade de todos os seus combatentes.

*

A política oportunista é, nesse caso, não só um mal, mas um «crime». Se os operários permitirem a algum padre entremeter-se nos seus negócios, não só serão enganados, mas ainda traídos e vendidos.

Assim como é lógico que o proletário combata principalmente o capitalismo e vise á destruição do seu mecanismo forçado—o Estado, assim é de razão que a igreja receba a sua conta nesse combate. Ela não póde ser posta de lado. E' preciso que a religião seja destruída sistematicamente no povo, se se quer que este vol-

te á razão, sem a qual não poderá nunca conquistar a sua liberdade.

Algumas questões se podem propôr aos tolos, ou melhor, aos que estão embrutecidos pela religião, bem que pareçam corrigíveis. Por exemplo:

Se Deus quer que o conheçam, que o amem e que o temam, porque não se mostra?

Se Deus é tão bom como dizem os padres, que razão ha para o temer?

Se Deus sabe tudo, para que massá-lo com os nossos negócios particulares e as nossas preces?

Se Deus está em toda a parte, para que edificar-lhe igrejas?

Se Deus é justo, porque pensar que punirá os homens que êle mesmo criou cheios de fraquezas?

Se os homens não praticam o bem senão por graça especial de Deus, que razão há para a recompensa?

Se Deus é todo-poderoso, como pode permitir que se blasfême?

Se Deus é inconcebível, para que ocuparmos nós dêle?

Se o conhecimento de Deus é necessário, porque permanece êle na sombra? Etc.

A tais perguntas o crente fica de bôca aberta. Mas todo aquelle que pensa deve vêr que não há «uma unica prova» da existencia de Deus. E não há necessidade nenhuma duma divindade. Um Deus a dentro ou fóra da natu-

reza não tem utilidade nenhuma quando se conhecem as propriedades e as regras da mesma natureza. O seu fim moral é igualmente nulo.

Há um grande reino governado por um soberano cujos procedimentos causam a desordem no espírito dos seus vassallos. Quer ser conhecido, amado, honrado, e tudo contribue para confundir as ideas que dêle se podem fazer. Os povos que vivem na sua dependência teem sobre o character e as leis do seu soberano invisível apenas as ideas que os ministros dêle lhes sugerem; e pelo contrário estes admitem que não se pode fazer ideia nenhuma do seu senhor; que a sua vontade é impenetrável; as suas vistas e ideas intangíveis; e os seus cortesãos já-mais estão de acôrdo sôbre as ordens a transmitir; anunciam-nas em cada provincia do reino de maneira diferente, insultam-se mutuamente e accusam-se uns aos outros de embusteiros. Os editos e as leis que intenderam dever dar são confusas; são enigmas que não podem ser comprehendidos nem adivinhados pelos vassallos aos quaes deveriam servir de lição. As leis do monarca oculto, necessitam de esclarecimento, e no entanto, os mesmos que as explicam nunca estão de acôrdo; tudo que contam do seu soberano oculto é um caos de contradicções; não dizem uma palavra que não possa ser imediatamente contestada e taxada de mentira. Dizem-no extremamente bom, e todavia não há ninguem que não se queixe dos seus decretos. Dizem-no infinitamente sábio, e todavia na sua adminis-

tração tudo parece andar ao invés da razão e do bom senso. Glorificam-lhe a sua justiça, e os melhores dos seus vassallos são ordinariamente os menos favorecidos. Asseguram que elle vê tudo, e contudo a sua presença nada põe em ordem. E', dizem, amigo da ordem, e contudo nos seus estados tudo é confusão e desordem. Faz tudo por si mesmo, os acontecimentos, porém, raro correspondem aos seus planos. Prevê tudo, não sabe, porém, o que acontecerá. Não deixa ofender em vão, no entanto tolera as ofensas de qualquer. Admiram o seu saber, a perfeição das suas obras, no entanto, as suas obras são imperfeitas e de curta duração. Cria, destrói, corrige o que faz, e nunca está contente com a sua obra. Nas suas empresas só procura a própria glória, e apesar disso não consegue ser louvado por tudo e em toda a parte. Não trabalha senão para o bem-estar dos seus vassallos, mas á maior parte destes falta o necessário. Aqueles que mais parece favorecer, são geralmente os menos contentes com a sua sorte; sublevam-se todos contra um senhor, cuja grandeza admiram, cuja sabedoria louvam, cuja bondade honram, cuja justiça temem, e cujos mandamentos santificam e não seguem...

Esse reino é o mundo; esse soberano, Deus; os seus cortesãos, os padres; os homens, os vassallos... Lindo país!

O Deus dos cristãos especialmente é um Deus que, como vimos, faz promessas para faltar a elas, e espalha a peste e toda a casta de

doenças entre os homens para os curar; um Deus que deixa morrer os homens para os corrigir; um Deus que criou os homens á sua imagem e que contudo não toma a responsabilidade do mal; um Deus que viu que todas as suas obras eram boas, e logo notou que não valiam nada; um Deus que sabia que os dois primeiros seres humanos comeriam do fruto proibido e que contudo pune por isso todo o género humano; um Deus tão fraco que se deixa enganar pelo Diabo, e tão cruel que nenhum tirano da terra lhe póde ser comparado.

Tal é o Deus da mitologia judaico-cristã.

Aquele que criou os homens perfeitos sem atender contudo á que assim permaneçam; aquelle que criou o Diabo sem poder chegar a dominal-o, é um pateta que a religião qualifica de *soberanamente sábio*: para ella, *todo poder* só é aquelle que condenou milhões de inocentes pelo crime cometido por um só; que exterminou por meio do dilúvio todos os homens, á excepção de alguns que restabeleceram uma raça tão má como a primeira; que fez um céu para os tolos que crêem nos evangelhos e um inferno para os sábios que o reprovam.

Aquele que a si mesmo se criou pelo Espírito-Santo; que a si mesmo se enviou como mediador entre elle e os outros; que, despresado e escarnecido pelos seus inimigos, se deixou pregar numa cruz como um morcego á porta de uma granja; que se deixou enterrar, que resuscitou dos mortos, desceu aos infernos, subiu vi-

vo ao céu, onde se sentou á *sua* direita mesmo, para julgar os vivos e os mortos, quando já não houver vivos; aquele que fez tudo isto é um charlatão *divino*. E' um tirano *terrivel*, cuja história deveria ser escrita em letras de sangue, porque é a religião do terror.

Longe de nós, pois, a mitologia cristã! Longe de nós um Deus inventado pelos sacerdotes da fé sanguinolenta que, sem o seu *importante e precioso nada*, com que explicam tudo, não se revolveriam mais tempo na abundancia, não prégariam mais tempo á humildade, vivendo elles mesmos no orgulho, mas pelo contrário seriam precipitados no abismo do esquecimento! Longe nós essa cruel trindade—pai assassino, filho contra a natureza, Espirito Santo voluptuoso! Longe de nós todos êstes fantasmas indecorosos, em nome dos quais se rebaixam os homens ao nivel de miseráveis escravos e se enviam pela omnipotencia da mentira, das penas desta terra para os prazeres do céu! Longe de nós todos esses que, com a sua demência sagrada, são obstaculos á felicidade e á liberdade!

Deus é um aventesma inventado por refinados charlatães, com o qual até hoje se tem atemorizado e tiranisado os homens. Mas o aventesma desaparece desde que é examinado pela sã razão, e as massas iludidas indignam-se por terem crido tanto tempo e lançam á face dos padres estas palavras do poeta:

«Sê maldito, ó Deus, a quem temos rogado no frio de inverso e nos tormentos da fome; em

vão temos esperado: andavas a zombar de nós e a enganar-nos!»

Esperamos que as massas não se deixaram enganar e escarnecer por mais tempo, e que um dia virá em que os crucifixos e os santos serão lançados ao fogo, os cálices e os turibulos convertidos em utensílios úteis, as igrejas transformadas em salas de concerto, de teatro ou de assembleas, e quando não sirvam para isto, em celeiros ou cavalariças. Esperamos que um dia virá em que o povo esclarecido alfim não compreenderá que semelhante transformação se tenha dado.

Esta maneira de proceder curta e concisa naturalmente só se praticará quando a revolução social, que se aproxima, rebentar, isto é, no momento em que o povo fizer táboa rasa dos cúmplices da padralhada: principes, burocratas e capitalistas, e em que o Estado e a Igreja forem totalmente varridos.

JOÃO MOST

Edições da Biblioteca de A SEMENTEIRA

A SEMENTEIRA—	{ Revista mensal, 1908-1913....	(esg.)
	{ 2.ª série, 1916-1919	2\$00

BROCHURAS

1	Malatesta— Em tempo de eleições (duas edições)	(esg.)
2	C. Lisle— A propriedade e o socialismo	»
3	Krapotkine— Govôrno revolucionário	»
4	R. Mella— Aos camponeses	»
5	Krapotkine— Os bastidores da guerra	\$20
6	Delessalle— A Confederação Geral do Trabalho ..	(esg.)
7	Landauer— A Social Democracia na Alemanha ..	\$20
8	Etievant— A minha defêsa	\$40
9	Música de Degeyter } Letra de Pothier } A Internacional	\$20
10	G. O. N. M.— Procriação consciênte	\$40
11	Bakunine— O sentido em que somos anarquistas ..	\$30
12	J. Most— A peste religiosa	\$40

No prélo:

B. Lazare—**A Liberdade.**

Em preparação:

Um interessante e educativo volumezinho de
Contos Sociais.

Satisfazem-se todos os pedidos de publicações quando acompanhados das respectivas importâncias. Pelo correio acresce a importancia do porte. Descontos aos revendedores e Grupos de Propáganda.

Dirigir toda a correspondência para:

“A Sementeira”
CAIS DO SODRÉ, 86
LISBOA—PORTUGAL

Shi